

**Os Gaúchos na Fazenda, Os Anarquistas nos Frigoríficos e os
Sem-Terra na Atualidade, a Reprodução da Vida Frente ao Latifúndio em
Sant'Ana do Livramento e Rivera**

Silvio Marcio Montenegro Machado
Universidade Federal de Santa Catarina
marciogeoufsc@gmail.com

João Marcelo Vela
Universidade Federal de Santa Catarina
jotamaverick@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está no estágio de desenvolvimento e traz uma contribuição para o debate sobre a questão do latifúndio, as formas de luta dos trabalhadores frente a este e as transformações ocorridas nesse modelo de concentração de terras ao longo de sua história na fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Pretende-se avaliar o latifúndio desde sua gênese com a formação das estâncias, forma efetiva de ocupação do território por parte dos portugueses, passando pela entrada do capital estadunidense através dos frigoríficos no início do século XX até a entrada das empresas de celulose na atualidade.

Procuramos entender como se tornou possível a manutenção do latifúndio ao longo de mais de 2 séculos e a sua permanência mesmo após a decadência econômica em toda a região onde o mesmo predomina, tanto no Brasil quanto no Uruguai e quais as estratégias dos trabalhadores na luta contra esse modelo concentrador de terras e riqueza.

Ao longo da história da fronteira, os trabalhadores resistiram e enfrentaram o poder do latifúndio em diversas situações, os gaúchos caracterizados por serem homens livres que tinham a casa em seu cavalo, filhos de índios com negros, portuguesas ou espanhóis buscavam sobreviver fora das fazendas roubando e “caçando gado” ou até mesmo contrabandeando, com o passar do tempo esse gaúcho não vê outra alternativa a não ser vender a sua força de trabalho de fazenda em fazenda para a sua sobrevivência, sobretudo depois dos cercamentos dos campos.

No início do século XX instalaram-se na fronteira frigoríficos com investimento do capital financeiro internacional, nesse período a luta contra a exploração internacional se deu através da organização dos trabalhadores que na época tiveram contato com os espanhóis que vinham trabalhar nos

frigoríficos e tinham uma orientação anarquista, assim conseguiram organizar as primeiras greves e colocaram em circulação alguns jornais com ideias anarquistas na cidade.

No momento atual, sobretudo após a grande crise da década de 80 do século XX, temos um novo enfrentamento do latifúndio associado ao capital nacional e internacional, agora representado pelas empresas de celulose, contra os Trabalhadores Rurais Sem-Terra, enquanto uns pedem a reforma agrária e terras com o intuito de plantar alimentos outros querem a plantação de Pinus e Eucaliptos.

Quase 2 séculos de latifúndio e resistência na fronteira oeste.

Podemos afirmar que a ocupação europeia da fronteira oeste do Rio Grande do Sul ocorreu tardiamente se comparada com a faixa litorânea brasileira ou com as províncias espanholas próximas ao Pacífico. No século XVII teve início a ocupação dos pampas por parte dos colonizadores na campanha gaúcha, mas somente no século XIX consolida-se esta ocupação e formam-se as cidades da fronteira.

Essa ocupação esteve ligada diretamente com os interesses dos colonizadores, por um lado a ocupação dos pampas por parte dos espanhóis se deu pela introdução das missões jesuíticas. Por outro lado, os portugueses passaram a distribuir sesmarias a militares ocupando assim as terras com estâncias, estratégia que será seguida pelos espanhóis no século XVIII, sobretudo após o fim da experiência jesuítica.

A experiência jesuítica fundou as bases para a economia local, a introdução do gado nos pampas gaúchos foi fundamental para a posterior ocupação dos mesmos. Apesar de a experiência jesuítica não haver se limitado à criação, esse foi o seu principal legado no que diz respeito à economia.

A chegada do homem branco com a instalação das missões pelos espanhóis e a fundação de Colônia do Sacramento pelos portugueses modificou profundamente as relações no pampa.

As atividades de preação do gado xucro ligadas aos interesses dos colonizadores, marcaram o início da ocupação e da destruição das estâncias missionárias com aculturação dos povos indígenas, sejam missionários ou pampianos.

A estratégia de ocupação luso-brasileira baseada na estância logo foi seguida pelos espanhóis e assim, pouco a pouco, foram sendo cercados os campos. A preação do gado foi sendo substituída pela criação e os animais vendidos vivos e levados pelo tropeirismo para as recém descobertas minas brasileiras.

As atividades comerciais ligadas até então à criação de gado e à comercialização da carne, gerou a riqueza dos estancieiros locais possibilitada pela estratégia de ocupação utilizada pelos portugueses e

posteriormente pelos espanhóis, formando assim as bases do latifúndio contemporâneo.

Outra atividade importante vai se desenvolver nos pampas e conseqüentemente nesta fronteira, a atividade charqueadora. Essa atividade transformará Pelotas na principal cidade do Rio Grande do Sul e após a instalação do saladeiro Anaya-Irigoyen em Sant'Ana do Livramento, colocará esta entre as três cidades mais importantes do estado.

Sant'Ana do Livramento estava sendo beneficiada no início do século pela instalação da ferrovia que ia de Montevidéu até Rivera e que devido à instalação do saladeiro de Anaya e Irigoyen e posteriormente do frigorífico Armour, teve um trecho estendido até a este estabelecimento em Sant'Ana do Livramento, ligando-o a Montevidéu e seu porto. Esse período ficou marcado pela forte influência platina na cidade.

No início do Século XX, teve início o aproveitamento econômico da lã em grande escala, o que marcará a fronteira com a fundação do Lanificio Albornoz em 1908. O lanificio terá grande importância durante os períodos de guerra mundial com o fornecimento de lã, mas, sobretudo, depois da formação de uma cooperativa que passou a ser a primeira a industrializar a lã em território gaúcho. As criações de gado e de ovinos fortaleciam o latifúndio na fronteira. A lã gerava mais postos de emprego no campo, porém, este era sazonal, durante o período da esquila ou tosa do animal, quando se extraía a lã.

A cidade de Sant'Ana do Livramento cresce e passa por profundas transformações e junto com ela cresce a vizinha cidade de Rivera. O saladeiro instalado na virada do século em Sant'Ana do Livramento pertencia a uruguaio de Montevidéu, que instalaram-se por essas bandas devido às divergências políticas com os "Colorados" no Uruguai governado por Batlle, e amparados em suas articulações com os "Blancos" que comandavam a fronteira.

Os interesses internacionais, sobretudo os das potências mundiais da época, não estavam desligados dessa série de mudanças ocorridas nos pampas. O saladeiro Anaya-Irigoyen será vendido e o capital financeiro internacional entrará nos pampas com as empresas estadunidenses Armour e Wilson.

Os EUA, após a guerra civil, passavam por um processo de industrialização acelerada e de fusão entre capital financeiro e industrial, surgem os cartéis em vários setores da economia estadunidense, com destaque para as ferrovias, eletricidade, petróleo e metalurgia. Esses cartéis serão responsáveis pela formação de verdadeiros impérios que deixarão seus nomes marcados na economia mundial até os dias atuais.

Com a carne aconteceria algo semelhante, as companhias Armour, Swift, Wilson, Morris e Cudahy haviam formado um truste da carne ou "meat trust" como ficou conhecido por lá, dominando quase que por completo o mercado de carnes no país (ALBORNOZ, 2000).

Consolidados no mercado estadunidense, esses gigantes da carne decidiram expandir a sua produção, o que ficou mais evidente após o início da I Guerra Mundial. Encontraram nos pampas uma oferta abundante de rebanhos, aliado à mão-de-obra barata e a uma estrutura que permitia escoar a produção dos frigoríficos.

Essas companhias descobriram os pampas e viram nele uma oportunidade para investir o capital excedente e abrir novos mercados. Logo foram instalando-se no Prata beneficiados por uma boa rede de ferrovias que ligavam os pampas argentinos, uruguaios e brasileiros a modernos portos, controlando assim o comércio da carne em todo o pampa.

A Revolução Federalista de 1893, havia representado a tentativa de manter as oligarquias latifundiárias no poder. Mesmo perdendo esta batalha, as oligarquias ligadas à criação tiveram um fôlego extra com a instalação de frigoríficos e com o lanifício, sobretudo em função da I e II Guerra Mundial.

A introdução do capital estrangeiro e da indústria em Sant'Ana do Livramento, transformará muitos peões em trabalhadores assalariados e iniciará um processo intenso de urbanização, parte dessa mão-de-obra virá dos grandes centros platinos, Montevideu e Buenos Aires e com esses trabalhadores estrangeiros chegarão à fronteira as ideias anarquistas.

Os anarquistas serão responsáveis pela publicação de um jornal bilingüe denominado “evolução”, que passou a circular na fronteira desde 1911. Terá início a luta de classes na fronteira, sendo responsáveis pela primeira greve na fronteira em 1919. Conseguiram deflagrar uma greve no frigorífico Armour e posteriormente a adesão no frigorífico Wilson. Apesar de quase quatro meses de luta, não conseguiram imediatamente a resposta à sua pauta de reivindicações (ALBORNOZ, 2000).

A pauta era extensa e incluía a valorização do trabalho feminino, manifesta em um aumento de 25% do seu salário, a diminuição da carga horária de 10 para 8 horas de trabalho diário, o pagamento em dobro de horas extras e trabalhos aos domingos e feriados, readmissão dos grevistas demitidos e demissão dos não aderentes à greve (CAGGIANI, 1983).

Os grevistas ainda tentaram levar a greve para outras cidades onde funcionavam os frigoríficos do “conglomerado da carne” estadunidense, mas a ação da polícia militar em defesa dos interesses dos industriais impediu que os trabalhadores enviados a Rosário do Sul para convocar os companheiros da cidade vizinha à greve obtivessem sucesso, foram assim presos os espanhóis líderes do movimento grevista. Mesmo assim, no dia 1º de maio de 1919, as empresas Armour e Wilson anunciaram um aumento de 10% dos salários e a redução de 10 para 9 horas de trabalho (CAGGIANI, 1983).

Certamente as lutas não pararam por aí, pois era gritante a diferenciação social mesmo dentro da empresa, quanto mais fora dela. No frigorífico Armour, por exemplo, os americanos e os empregados

com cargos de chefia obtinham diversos privilégios entre os quais moradia, água e luz a valores irrisórios, enquanto os trabalhadores sazonais, que costumavam trabalhar em média de 6 a 8 meses sob regime de contratação temporária, no máximo conseguiam um terreno sem instalação de água, luz ou qualquer outro benefício.

O empreendimento construiu casas para os administradores com família e alojamentos para os solteiros, além disso, dentro das terras pertencentes ao Armour, os administradores construíram um clube, hoje denominado Clube Campestre, com campo de golfe (um dos primeiros do Brasil), quadras de tênis para os altos funcionários e um campo de futebol para os demais.

Enquanto isso, os demais trabalhadores que não possuíam cargos de chefia tinham que trabalhar o máximo possível, fazendo uso de horas-extras para poderem receber um salário que lhes permitisse cobrir os meses em que ficariam desempregados esperando a abertura do novo período de produção. Eles moravam em casas de lata nas proximidades do frigorífico, sem estrutura básica nenhuma.

Os operários recebiam o terreno nas cercanias e construíam suas casas. Até os anos sessenta não havia água nem luz nas casas. Grande parte das casas de operários eram revestidas com latas por fora e forradas de madeira por dentro. Essas latas eram doadas pelo frigorífico, quando alguma do lote usado nas conservas se estragava na viagem (ALBORNOZ, 1998:98).

A desigualdade, antes verificada na concentração da terra por meio da estância, mantém-se com o processo de urbanização. Se antes o peão não tinha terras e para sobreviver nos pampas era obrigado a vender sua força de trabalho de estância em estância, agora a diferença residia apenas no ofício onde empregaria a sua mão-de-obra.

Após o período de euforia do latifúndio ganadeiro com os frigoríficos, e passada a II Guerra Mundial, a economia fronteiriça, baseada no latifúndio, na criação de gado para a produção de carne e na criação de ovinos para a lã, entraria em sua fase lenta e gradual de decadência. A mesma pela qual passaria toda a região fronteiriça dos pampas após a metade do século XX, que se aprofundaria no último quartel deste século, quando tornar-se-ia evidente que a aposta quase que exclusiva na criação em detrimento do investimento no setor industrial da cidade, havia sido um erro de difícil reparação.

Logo o cenário aparentemente promissor foi revelando a sua frágil estrutura, estava sustentado apenas pela estância ganadeira e sua associação com o capital internacional através da “máfia da carne de Chicago”, representadas na fronteira pelos frigoríficos Armour e Wilson.

A verdade é que apesar da presença de todas essas indústrias, o Frigorífico Armour sozinho era responsável por 83,05% do valor de toda a produção industrial do município nesse período (ALBORNOZ, 2000).

Essa fragilidade da economia santanense manifesta-se também na submissão do poder público que aceitará inclusive empréstimos da empresa estadunidense para o calçamento do centro da cidade, com cláusula de pagamento que impediria o aumento dos impostos municipais.

Fica evidente a quem pertencia de fato o controle econômico do município. As autoridades municipais embriagadas com o poder da Companhia Armour e com o expressivo crescimento econômico da fronteira, esqueceram-se quem eram os verdadeiros donos dessa empresa, os homens do “meat trust”, a quem de fato interessava apenas o lucro, sem uma real preocupação com o desenvolvimento local.

O poder público municipal absteve-se de avaliar a conjuntura internacional que propiciava de fato esse crescimento e, principalmente, de realizar um planejamento seguido de ações que apontasse para um crescimento econômico sustentado onde o município não ficasse tanto a mercê dos gigantes de Chicago e nem de uma atividade econômica quase que exclusiva.

O fim da II Guerra Mundial fará com que gradativamente os espetáculos nos teatros diminuam e os investimentos das gigantes da carne se retraiam na fronteira devido à retomada da produção nos países europeus e do fim da necessidade de produção de alimentos para as tropas.

O Frigorífico Armour em Sant’Ana do Livramento foi responsável pela produção de alimentos para tropas estadunidenses no período de guerra, essa exportação representava um importante aporte na produção.

Diante de um cenário econômico decadente, a estância passará por um período de transformações no pampa, no final do século XX. Segundo COSTA (1984), na metade sul diminuirá em muito o número de estâncias de criação, dando início a um processo de transformação onde novos investimentos terão lugar, crescendo a importância da agricultura. Para COSTA (1984), à medida que diminui a sua importância econômica, a estância vê crescer o seu valor simbólico.

É verdade que a estância de criação cederá espaço para o arroz, o trigo, as parreiras, os pinus e eucaliptos, e aos assentamentos, sobretudo no final do século, mas o latifúndio permanecerá vivo, influente, e os grandes fazendeiros “mandando” na fronteira.

O fenômeno da permanência do latifúndio e manutenção das elites ligadas à estância não pode ser explicado apenas pela ideia do atraso das elites pampianas, ou da busca por investimento seguro e falta de empreendedorismo dos latifundiários locais, ou mesmo as questões ligadas exclusivamente à técnica e a concorrência com os produtos vindos dos grandes centros.

Nosso levantamento histórico permitiu-nos ter o entendimento que as elites locais perceberam desde muito cedo a necessidade de atrelar-se ao Estado, isso fica evidente se analisarmos os motivos que levaram a Revolução Farroupilha(1935-45), a Revolução Federalista(1893-95) e a Revolução de 23.

Inicialmente a elite local possuía grande poder político, ao perder esse poder político tem início os levantes chamados de revoluções, mas que não tinham por objetivo revolucionar a estrutura social, senão manter os lucros da elite local.

Politicamente, mesmo com a decadência econômica da metade do século XX, as elites pampianas mantiveram o poder político, o latifúndio permanece sustentando essas elites através da facilidade de acesso ao crédito público e privado.

“Nas condições de monopólio da terra e do crédito, a elite campeira pode até mesmo aceitar tranquilamente a “crítica” de conservadorismo e atraso, pois sua própria “reinvenção” estaria justificada mediante mais crédito público e privado. Mas o que de atrasada pode ser uma elite que historicamente tem alcançando a construção da legitimidade de suas bandeiras classistas e a apropriação privada dos fundos públicos?!” (ALBUQUERQUE & AUED, 2007:109).

Para COSTA (1984), a estância no Rio Grande do Sul passa por transformações iniciadas com o período decadente e apesar deste subestimar a força política das elites locais ligadas à estância de criação, acrescenta que a manutenção do latifúndio e a permanência da estância de criação estarão ligadas ao resgate da identidade regional como discurso para a preservação dessa elite local.

Apesar de sua clara decadência (ou estagnação). [...] ainda permanece nítido o domínio espacial do latifúndio na área da Campanha, pois mesmo os campos nativos de pecuária extensiva ainda cobrem cerca de três quartos do espaço 'regional'. Este domínio aparente a nível local na verdade participa de uma dialética (e não de um dualismo, como muitos consideram ao interpretá-los separadamente) forma X conteúdo, revelando-se importante, por exemplo, para o recente resgate da identidade regional, manipulado pelos interesses da nova fração regional da classe dominante – a burguesia industrial e financeira. Ao materializar as práticas sociais dessa ideologia e enaltecer as 'virtudes' da vida campeira, a sociedade latifundiária, mesmo economicamente estagnada e pouco relevante politicamente, vê-se de certa forma preservada e 'legitimada' dentro da nova ordem capitalista, através do resgate da sua identidade regional (COSTA, 1984:89).

O discurso regionalista tradicional tende a valorizar as virtudes da estância de criação criando um aparente sentimento de liberdade ao confundir, segundo COSTA (1984), imensidão latifundiária com liberdade, e, esquecer das relações homem-homem valorizando as relações homem-meio baseadas na “querência latifundiária”.

Apesar do tradicionalismo amparado na identidade regional e do poder político das elites dominantes assistimos a transformações nos pampas gaúchos, duas delas dizem respeito a modelos opostos e conflitantes. Uma manifesta na paisagem, a introdução da plantação de pinus e eucaliptos e a outra silenciosa, lenta, conflituosa e que com muita luta busca revolucionar de fato as relações no pampa, a introdução dos assentamentos rurais.

A plantação de pinus e eucaliptos predomina no norte uruguaio e no sul brasileiro. Empresas como Votorantim, Aracruz Celulose, Stora Enzo, entre outras, compraram grandes extensões de terras nos pampas. Parece que a celulose deseja entrar no pampa da mesma maneira que as grandes da carne, o “meat trust”, fizeram no início do século passado.

As autoridades locais e nacionais, tanto do Brasil como do Uruguai parecem interessadas nesse investimento por meio das “florestadoras”. Em consulta ao site do Ministério da Integração Nacional brasileiro, pode-se verificar o Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira onde o chamado Arco Sul prevê entre suas estratégias de desenvolvimento para a fronteira sul o florestamento.

Em entrevista com o atual *Director General de Promoción y Desarrollo* da Intendência Municipal de Rivera, o Engenheiro Abilio Briz, ao perguntarmos quais eram os esforços para o desenvolvimento do município e conseqüentemente para a fronteira, verificamos entre muitos projetos interessantes que visam diversificar a economia e de uma evidente tentativa de estimular o turismo, a presença do discurso relacionado ao incentivo à atividade de florestação e madeira para móveis.

A expansão da monocultura de pinus, eucaliptos e acácia negra é notória como denunciam Picoli & Schnadelbach (2007):

Em 2001, o Rio Grande do Sul possuía uma área ocupada por monocultivos de eucalipto, pinus e acácia-negra de aproximadamente 400 mil ha. Atualmente, as estimativas indicam que, nos próximos anos, mais um milhão de hectares de terras gaúchas, em sua maior parte formadas por campos, serão convertidas em **um milhão de hectares de autênticos ‘desertos verdes’** (PICOLI & SCHNADELBACH, 2007:14).

As empresas de celulose pretendem transformar o pampa gaúcho em uma grande plantação de pinus que se estende desde o norte do Uruguai até o limite da Campanha Riograndense, a metade sul do Estado. Existem projetos de instalação de pelo menos duas novas fábricas de celulose no Rio Grande do

Sul, uma da Votorantim e outra da Stora Enzo, além disso, está prevista a expansão da fábrica atual da Aracruz Celulose.

A verdade é que apesar de modificar profundamente a estância, fazendo a elite então ganadeira abandonar a criação e dedicar-se ao florestamento, as empresas de celulose poderão encontrar dificuldades relacionadas à identidade regional, mas não alterarão o principal, a estrutura fundiária, a florestação representa a manutenção do latifúndio e talvez por isso, é mais aceita na opinião pública local, dominada pelos latifundiários.

O que não é visto com bons olhos pela opinião pública local, muito menos pelas elites pampianas é a alternativa à florestação, os assentamentos rurais baseados na pequena propriedade e que se instalaram na fronteira modificando profundamente a produção agrícola.

Em 2002, somavam-se 21 assentamentos em Sant'Ana do Livramento, nem todos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, como evidencia CHELOTTI(2005:67):

A presença de vinte e um (21) assentamentos rurais no município, não está somente associada ao movimento de luta pela terra organizada pelo MST que possui 17 assentamentos, ou seja, 80,9% do total, pois existem outros assentamentos em menor número, fruto de outros projetos, como 2 assentamentos do Projeto Minha Terra, que são organizados em cooperativas de produção agrícola, de caráter estadual, organizados em meados da década de 90, e, mais recentemente, no ano de 2001, a organização do primeiro assentamento rural financiado com recursos do governo federal, através do Programa Banco da Terra, a trabalhadores rurais do município de Sant'Ana do Livramento, além de um reassentamento realizado com famílias de posseiros que ocupavam ilegalmente terras da reserva indígena do Toldo da Serrinha, localizado no extremo norte do Rio Grande do Sul.

Apesar de constituírem apenas 1% do território municipal de Sant'Ana do Livramento, os assentamentos rurais introduzem o novo, a pequena propriedade que associada passa a produzir, em geral, alimentos e, com isso, passa a ameaçar a velha estrutura fundiária, a modificar a paisagem do pampa, a forma de criação e aproveitamento do gado e dos ovinos e, principalmente, a disputar o poder político, recuperando o discurso da luta dos trabalhadores inaugurado nessa fronteira pelos anarquistas e agora proferido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

Tanto a elite santanense quanto a elite uruguaia teme que o exemplo surgido nos assentamentos espalhe-se pelos pampas, visto que isso sim resultaria no fim de mais de 200 anos de vigência do latifúndio nos pampas gaúchos.

A manutenção do latifúndio agora transformado em florestação pelas empresas de celulose representa o mesmo tipo de “desenvolvimento” trazido aos pampas pelos frigoríficos estadunidenses,

efêmero, exploratório e devastador. Um verdadeiro saque aos recursos dos fronteiriços que novamente terão suas energias sugadas para alimentar a sede de capitalistas que decidirão o futuro de seus investimentos na fronteira de acordo com seus interesses que em nada coincidem com os desse povo.

BIBLIOGRAFIA

- ALBORNOS, Vera do Prado Lima. **Armour, uma aposta no pampa**. Sant'Ana do Livramento, Editora Palloti, 2000.
- ALBURQUERQUE, Edu Silvestre de & AUED, Idaeto Malvezzi. **O mito do atraso das elites pampeanas**. In: Boletim Gaúcho de Geografia nº 32, Porto Alegre: AGB, Dezembro 2007. p.91-112
- CAGGIANI, Ivo. **Santana do Livramento: História**. Sant'Ana do Livramento, s/Ed. 1952.
_____. **Sant'Ana do Livramento: 150 anos de história**. Santana do Livramento: Ed. do Museu Folha Popular e ASPES, 1983. v. III.
- CHELOTTI, Marcelo Cervo, **A dinâmica do espaço agrário no município de Sant'ana do Livramento/RS: das sesmarias aos assentamentos rurais**. In: Estudos Geográficos nº3, Rio Claro, 2005 p. 53-70 disponível em: www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm
- COSTA, Rogerio Haesbaert da, **RS : latifundio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 98p.
- DORFMAN, Adriana. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Geografia. **Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais**. Florianópolis, SC, 2009. 360 f. Tese (Doutorado).
- DUARTE, Roberto Martins. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: A construção da cidade de Jaguarão**, Tese de Doutorado, Universidade Politécnica da Catalunia. 2002, disponível em: <http://www.tesisenred.net/TDX-1107102-174643>.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 18ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1983. 307 p.
- LUGON, Clovis. **A República "Comunista" Cristã dos Guaranis 1610/1768**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977. 353 p.
- MINISTÉRIO DE INTEGRAÇÃO NACIONAL, **Programa de desenvolvimento da faixa de fronteira**. Brasília, disponível em: http://www.integracao.gov.br/programas/programasregionais/fronteira.asp?area=spr_fronteira acessado em: 25 de junho de 2010.
- MOURE, Telmo Remião. **História do Rio Grande do Sul**. São Paulo: FTD, 1994.
- NOCCHI, Enio del Geloso, UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSÁRIO – ARGENTINA – CERIR – Mestrado em Integração e Cooperação Internacional. **Os efeitos da crise da lã no**

mercado internacional e os impactos sócio-econômicos no município de Santana do Livramento – RS – Brasil. Bagé, RS, Dissertação (Mestrado), 2001.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade: A formação social como teoria e como método.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99.

SCHÄFFER, Neiva Otero, **Urbanização na fronteira: a expansão de Sant’Anna do Livramento - RS.** Porto Alegre, EdUFRGS/PM de Sant’Ana do Livramento, 1993.